

Leonardo Boff*

A ascensão do fascismo no mundo e no Brasil

Nota-se no mundo inteiro e também no Brasil a ascensão de ideias fascistas ou de atitudes autoritárias que rompem todas as leis e acordos como se nota claramente na política do presidente dos EUA Donald Trump com seu ufanismo MAGA (Make Amerika Great Again). As promessas feitas pelas grandes narrativas modernas fracassaram. Produziram uma enorme insatisfação e depressão mais ou menos generalizadas e ondas de raiva e de ódio.Cresce a convicção,especialmente devido ao clamor ecológico, que assim como o mundo está não pode continuar. Ou mudamos de rumo ou vamos ao encontro de uma catástrofe bíblica.É neste contexto que vejo o fenômeno sinistro do fascismo e autoritarismo se impondo em nossa história.

A palavra fascismo foi usada pela primeira vez por Benito Mussolini em 1915 ao criar o grupo “Fasci d’Azione Revolucionaria”. Fascismo se deriva do feixe (fasci) de varas, fortemente amarradas, com um machado preso ao lado. Uma vara pode ser quebrada, um feixe, é quase impossível. Em 1922/23 fundou o Partido Nacional Fascista que perdurou até sua derrocada em 1945. Na Alemanha se estabeleceu a partir de 1933 com Adolf Hitler que ao ser feito chanceler criou o Nacionalsocialismo, o partido nazista que impôs ao país dura disciplina, vigilância e o terror dos SS.

A vigilância, a violência direta, o terror e o extermínio dos opositores são características do fascismo histórico de Mussolini e de Hitler e entre nós de Pinochet no Chile, de Videla na Argentina e no governo de Figueiredo, de Médici e como tendência, de Bolsonaro no Brasil.

O fascismo originário é derivação extremada do fundamentalismo que tem larga tradição em quase todas as culturas. S. Huntington em sua discutida obra Choque de civilizações(1997) denuncia o Ocidente como um dos mais virulentos fundamentalistas e nas guerras coloniais mostrou claros sinais de fascismo. Imagi-

na-se o melhor dos mundos, junto com os EUA, o que lhe conferiria,segundo eles, a sua excepcionalidade. Quando o presidente Donald Trump afirma “America first” está entendendo “só a América” e o resto do mundo que se lasque.

Conhecemos o fundamentalismo islâmico com seus inúmeros atentados e crimes e outros, também de grupos da Igreja Católica atual.Estes creem ainda ser ela a única e exclusiva Igreja de Cristo, fora da qual não há salvação. Tal visão errônea e medieval, oficialmente publicada ainda no ano 2000 pelo então Card. Joseph Ratzinger, depois Papa Bento XVI, num documento “Dominus Jesus”, humilhou todas as igrejas,negando-lhes o título de igrejas, sendo apenas comunidades com elementos eclesiais.Graças a Deus o Papa Francisco, cheio de razoabilidade e de bom senso, invalidou tais distorções e favoreceu o mútuo reconhecimento das igrejas, todas unidas, no serviço da humanidade e na salvaguarda do planeta seriamente ameaçado.

Todo aquele que pretende ser portador exclusivo da verdade está condenado a ser fundamentalista, com mentalidade fascistóide e sem diálogo com os outros.Dalai Lama bem disse: não insista em dialogar com um fundamentalista. Apenas tenha compaixão dele.

Aqui vale recordar as palavras do grande poeta espanhol António Machado, vítima da ditadura de Franco na Espanha:”Não a tua verdade. Mas a verdade. Vem comigo buscá-la. A tua guarde-a para ti mesmo”. Se juntos a procurarmos, ela será então mais plena.

O fascismo nunca desapareceu totalmente, pois sempre há grupos que, movidos por um arquétipo fundamental desintegrado da totalidade, buscam a ordem de qualquer forma. É o protofascismo atual.

No Brasil houve uma figura mais hilária que ideológica que propôs o fascismo em nome do qual justificava a violência, a exaltação da tortura e de torturadores, da homofobia,da misogenia e dos LGBTQ+1.

Sempre em nome de uma ordem a ser forjada contra a pretensa desordem vigente, usando de violência simbólica e real.

Sob o condenado Jair M.Bolsonaro o fascismo ganhou uma forma assassina e trágica: se opôs à vacina contra o Covid-19,estimulou as conglomerações e ridicularizou o uso da máscara e, o que é pior, deixou morrer mais de 300 mil dentre os 716.626 vitimados, sem qualquer sentido de empatia pelos familiares e próximos. Foi a expressão criminosa de desprezo pela vida de seus compatriotas. Deixou um legado sinistro.

Mas finalmente o líder desse protofascismo rude, Jair Messias Bolsonaro, forjou uma organização criminosa com militares de alta patente e outros, tentando dar um golpe de estado com o eventual assassinato das mais altas autoridades a fim de impôr sua visão tosca do mundo. Mas foram denunciados, julgados e condenados e assim nos livramos de um tempo de trevas e de crimes hediondos.

O fascismo sempre foi criminal como se viu recentemente em Utah nos EUA com o assassinato de um fundamentalista Charlie Kirk,supremacista, antiislâmico e homofóbico, proclamado falsamente de mártir. Sob Hitler criou-se a Schoah (eliminação de milhões de judeus e de outros). Usou a violência como forma de se relacionar com a sociedade, por isso nunca pode nem poderá se consolidar por longo tempo. É a perversão maior da sociabilidade essencial nos seres humanos.

Combate-se o fascismo com mais democracia e povo na rua. Deve-se enfrentar as razões dos fascistas com a razão sensata e com a coragem de reafirmar os riscos que todos corremos. Deve-se combater duramente quem usa da liberdade para eliminar a liberdade.Devemos unirmo-nos pois não temos um outro planeta nem um outra Arca de Noé.

***Leonardo Boff escreveu: Fundamentalismo e terrorismo,Vozes 2009.**

Rudolfo Lago

Do barbante à internet. 37 anos de história

A cobertura da Assembleia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988, marca algumas das minhas primeiras – e maiores – emoções no jornalismo político. Marca também uma das maiores frustrações.

No dia da última sessão e da promulgação da Constituição pelo presidente da assembleia, deputado Ulysses Guimarães, Rodrigo Mesquita, um dos membros da família Mesquita, proprietária do jornal em que eu trabalhava, o Estado de São Paulo, vai assistir à sessão. E pede emprestada a minha credencial – ele queria entrar no plenário e dar uma olhada.

Alguns minutos depois, porém, ele volta dizendo ter perdido a credencial. Nunca irei saber se perdeu ou se quis guardá-la como recordação. Mas o fato é que isso me impediu de trabalhar mais profundamente na cobertura daquele último dia. Enorme frustração. Por essa razão, não apareço em famosa foto que Ulysses tirou com os repórteres que cobriram a Constituinte no final da sessão.

Preso no comitê de imprensa, porém, me coube, então, fazer a matéria do famoso discurso final de Ulysses. Famoso e emocionante. Aquele em que Ulysses declarou a frase definitiva: “Temos ódio e nojo da ditadura”.

A cobertura da Constituinte marcou minha estreia como repórter de política, função que exerço até hoje. No formato

original do processo, não haveria o segundo turno. Os trabalhos se dariam nas comissões temáticas e depois finalizados por uma comissão de sistematização. Ao perceber que a tendência era que a comissão tornasse o país parlamentarista e reduzisse seu mandato dos seis anos como presidente para somente quatro, o então presidente José Sarney interveio. E começou a seduzir parlamentares para evitar esse desfecho. É aí que surge o famigerado Centrão, à época comandado pelo deputado Roberto Cardoso Alves. Sarney distribuiu à época emisoras de rádio aos parlamentares.

Consegui, assim, estabelecer o segundo turno, no qual cada artigo da Constituição precisaria ser submetido e ratificado pelo plenário. Um trabalho hercúleo. A Constituição original tinha 250 artigos. Ulysses, então, estabeleceu um processo para acelerar as votações. Ele lia rapidamente cada artigo. Com a frase que se tornou clássica: “Os que foram contrários levantem a mão, os que forem favoráveis permaneçam como estão”. Se ninguém levantasse a mão, passava imediatamente ao artigo seguinte.

Para ele, estava resolvido o problema. Para quem precisava informar à sociedade, não. O artigo aprovado poderia ser, por exemplo, aquele que criava o Sistema Único de Saúde (SUS). Enfim, era a Constituição brasileira. Tudo era importante.

A Agência Estado era, então, o exemplo de jornalismo em tempo real. Ainda não on-line porque computadores eram ainda uma novidade incipiente. Quase ninguém tinha computador pessoal e não havia ainda internet. A situação obrigou a Agência Estado a ampliar sua cobertura de política para informar a aprovação a cada artigo. Foi o que levou à minha troca, então, de repórter de Nacional para Política.

Em tempos sem computador, essa era a rotina. Dois repórteres ficavam nas galerias cumprindo as sessões enquanto outros dois escreviam. Quando os que estavam escrevendo terminavam, subiam para as galerias, e os que ali estavam desciam para escrever.

A ferramenta especial da Agência Estado ficava ali no comitê. Era um contínuo bem magrinho e de 1,50 com o apelido de “Baixinho”. Ele era o único que conseguia passar pela janela basculante que separa o comitê da marquise do prédio do Congresso. Quando a matéria ficava pronta, Baixinho chamava um motoqueiro ou motorista e ia com a lauda de papel para a marquise. O motorista parava, então, na ladeira que liga o gramado do Congresso à Chapelia, a entrada principal. Baixinho amarrava a matéria num barbante e a descia pela marquise. O motorista desamarrava e levava para a redação.

O resto, são 37 anos de história...

EDITORIAL

Uma paz que está perto de acontecer

Em um movimento surpreendente e histórico, Israel e o grupo palestino Hamas aceitaram um acordo de paz proposto e mediado pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Após décadas de conflitos armados, escaladas de violência e tentativas frustradas de negociação, o pacto representa um avanço significativo rumo à estabilidade no Oriente Médio.

Entre os principais pontos positivos do acordo está o cessar-fogo imediato e duradouro, que pôs fim a anos de ataques, bombardeios e represálias que afetavam principalmente a população civil. Milhares de famílias, tanto em Israel quanto na Faixa de Gaza, passaram a ter a chance de reconstruir suas vidas longe do medo constante da guerra.

Outro aspecto de destaque é a abertura de canais diplomáticos diretos entre as duas partes. Pela primeira vez em anos, representantes de Israel e do Hamas participaram de diálogos mediados, mas com propostas concretas e compromissos mútuos. A atuação de Trump, marcada por uma abordagem pragmática e dire-

ta, foi decisiva para que as negociações avançassem, mesmo diante de grandes divergências ideológicas.

O acordo também prevê medidas humanitárias imediatas, como a entrada facilitada de ajuda internacional em Gaza, a reconstrução de hospitais e escolas, e a flexibilização de bloqueios para o comércio de bens essenciais. Isso deve impulsionar a economia local e melhorar as condições de vida em uma das regiões mais afetadas pela pobreza e pelo isolamento.

Adicionalmente, a iniciativa abre caminho para futuras cooperações regionais, incluindo projetos de infraestrutura, energia e segurança, que poderão envolver outros países do Oriente Médio interessados em garantir a paz duradoura.

Apesar dos desafios que ainda persistem, o acordo mediado por Trump representa um marco histórico. Pela primeira vez em décadas, israelenses e palestinos dão um passo real rumo à convivência pacífica, reacendendo a esperança de que o futuro possa ser diferente do passado.

Reflexões sobre o CNU 2025

A segunda edição do Concurso Nacional Unificado (CNU), realizada no último fim de semana, trouxe à tona importantes reflexões sobre o futuro do serviço público no Brasil. Apesar do índice expressivo de abstenção — cerca de 42% dos inscritos não compareceram, segundo o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) — o conteúdo da avaliação revelou tendências relevantes no perfil de servidor que o Estado pretende atrair.

Nas redes sociais, candidatos relataram que as provas estavam mais extensas e exigiam maior capacidade de análise, especialmente no bloco dedicado a Cultura e Educação. Questões sobre políticas públicas voltadas a pessoas trans e comunidades quilombolas indicam um esforço para promover discussões sobre diversidade e inclusão no ambiente

público. Trata-se de um movimento coerente com as demandas atuais da sociedade e com a necessidade de servidores mais preparados para lidar com realidades complexas e plurais.

Outro ponto que merece destaque é a presença de temas ligados ao uso de inteligência artificial e às novas formas de organização do trabalho, como o home office e o modelo híbrido. A inclusão dessas pautas reflete a transformação digital do setor público e aponta para uma administração mais eficiente e adaptada às mudanças tecnológicas.

O CNU, portanto, vai além de um processo seletivo: sinaliza prioridades e valores que tendem a moldar a administração pública nos próximos anos. E entender essa direção é essencial tanto para os candidatos quanto para a sociedade.

Opinião do leitor

Imposto de Renda

Mais do que aumentar a faixa de isenção do imposto de renda, o governo deveria por uma taxa maior aos que ganham mais neste país, pois quem sustenta a nação é classe média.

Mariano Gama Souza
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JOVEM PARAIBANO MATA JOÃO SUASSUNA

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de outubro de 1930 foram: Em fala à nação presidente Washington Luiz diz que as

subversões nos estados tem caráter injustificável. Inicia-se a nova tabela de preços dos alimentos. Jovem paraibano mata o deputado João Suas-

una. Partidos reacionários conseguem expressiva vitória nas eleições da Finlândia. Espanha e França em guerra aduaneira.

HÁ 95 ANOS: VARGAS ABRE VANTAGEM DE 300 MIL VOTOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de outubro de 1950 foram: Em novas parciais, Vargas lidera com 725.709 votos;

Eduardo Gomes tem 424.967 votos; Cristiano Machado, 226.484 votos. Especula-se que os comunistas votaram em Vargas, para o brigadei-

ro não ser o presidente. Paralisada a navegação fluvial na Alemanha Ocidental. Tropas da ONU se agrupam para o ataque final na Coreia

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.